

# LINGUASAGEM

## UMA LEITURA SEMIÓTICA DO TEXTO BÍBLICO DE ECLESIASTES 9.10

### *A SEMIOTIC READING OF THE BIBLICAL TEXT FROM ECCLESIASTES 9.10*

Humberto Marcos BALANIUC (UFMS)<sup>1</sup>

#### **Resumo**

O presente artigo tem por objetivo analisar o texto bíblico de Eclesiastes 9.10 usando a semiótica discursiva como método de interpretação, tendo como principal referencial teórico os conceitos dos estudiosos Diana Barros e Denis Bertrand. A finalidade é compreender o sentido do texto e as estruturas utilizadas para a significação e, assim, demonstrar a possibilidade e a utilidade do uso das ferramentas semióticas discursivas no texto das Escrituras Sagradas. Pretende-se observar se os conceitos oriundos da semiótica discursiva oferecem uma base para esse empreendimento a partir da análise do texto proposto. A análise será feita seguindo o “percurso gerativo de sentido”. Por fim, de acordo com a análise realizada, será concluído que de fato essa semiótica atende os objetivos pretendidos de compreensão do sentido textual e de seus mecanismos de significação.

**Palavras-Chave:** Semiótica. Significação. Bíblia.

#### **Abstract**

This article aims to analyze the biblical text of Ecclesiastes 9.10 using discursive semiotics as a method of interpretation, having as main theoretical reference the concepts of scholars Diana Barros and Denis Bertrand. The purpose is to understand the meaning of the text and the structures used for meaning and, thus, demonstrate the possibility and usefulness of using discursive semiotic tools in the text of the Holy Scriptures. It is intended to observe whether the concepts derived from discursive semiotics offer a basis for this undertaking from the analysis of the proposed text. The analysis will be carried out following the “generative path of meaning”. Finally, according to the analysis carried out, it will be concluded that in fact this semiotics meets the intended objectives of understanding the textual meaning and its mechanisms of signification.

**Keywords:** Semiotics. Meaning. Bible.

#### **Introduzindo a questão**

---

<sup>1</sup> E-mail: C119v18@gmail.com

Os desenvolvimentos advindos com a semiótica discursiva na última metade do século passado trouxeram um considerável avanço na questão da análise e interpretação de textos em geral. Conforme assinala Barros (2005), já em relação aos movimentos iniciais da teoria,

a partir de L. Hjelmslev, que mostrou ser possível examinar o plano de conteúdo em separado do plano de expressão, tal como a fonologia fizera com o plano de expressão, a semântica estrutural desenvolveu princípios e métodos para estudar o sentido. (BARROS, 2005, p. 11)

Segundo a autora, as preocupações com o sentido a partir de Hjelmslev permitiram romper “as barreiras anteriormente estabelecidas entre a frase e o texto”, que, por fim, levaram a uma mudança na perspectiva das teorias posteriores, o que trouxe uma compreensão mais profunda da interpretação, proporcionado, inclusive, os avanços contidos na teoria semiótica.

É o objetivo precípua dessa teoria entender como se constitui o sentido de um texto, observando-se as condições estruturais de sua configuração, por meio de um “percurso gerativo” (BARROS, 2005), que se encontra no plano do conteúdo e parte da observação dos elementos mais simples aos mais complexos, organizando-se em níveis crescentes de concretização dos sentidos.

Também neste texto a abordagem considera o percurso gerativo de sentido, observando das estruturas fundamentais às estruturas discursivas, considerando o que assevera Bertrand (2003):

Se o observarmos, ao contrário, partindo das estruturas elementares e profundas, isto é, indo do mais simples (do que é mais elementar) ao mais complexo (a diversidade das formas manifestadas na superfície), poderemos dizer que, enriquecendo-se progressivamente de nível em nível, ele propõe uma simulação da geração do sentido: é por essa razão que é denominado “percurso gerativo” (BERTRAND, 2003, p. 46)

Quanto à expressão “texto”, ela será usada neste artigo em um sentido mais restritivo, conforme uma das definições que lhe atribui o Dicionário Semiótico de Greimas e Courtes:

Por vezes, emprega-se o termo texto em sentido restritivo: isso se dá quando a natureza do objeto escolhido (a obra de um escritor, um conjunto de documentos conhecidos ou de depoimentos recolhidos) marca-lhe os limites; nesse sentido, texto se torna sinônimo de corpus. (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p.11)

Assim, o texto (*corpus*) escolhido para objeto de interpretação semiótica é um texto bíblico. A escolha da Bíblia, como fonte do texto a ser estudado, atende a questões de interesse pessoal, e se valida tendo em vista a importância de tal livro não apenas para a religião cristã, mas também para a cultura ocidental.

Toma-se, portanto, o texto de Eclesiastes 9.10 da Bíblia, cuja edição a ser utilizada é Almeida Edição Contemporânea, de 2020:

“Tudo o que te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, pois na sepultura, para onde vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma”.

### **Dos fundamentos do sentido**

No texto de Eclesiastes 9.10, dois lexemas se destacam na leitura: “fazer”, que é o núcleo da oração principal, e “sepultura”, que é uma figura da morte e o local para onde o narratário irá, segundo o dizer do narrador. Há um contraste entre a vida marcada pelo “fazer” e a morte, figurativizada pela sepultura:

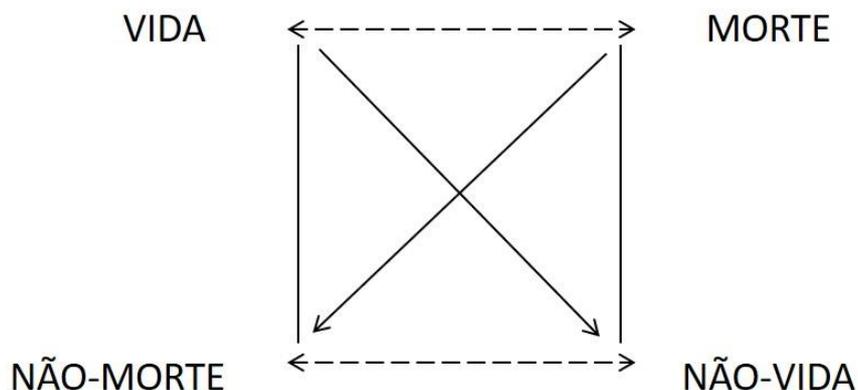
1 – Tudo o que vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças

pois

2 - Na sepultura, para onde vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma.

Quanto ao lexema “fazer”, é possível substantivá-lo para fins de análise semiótica, e será descrito como “AÇÃO”. No texto, os lexemas ligados a ele são: tudo, vier e forças. Em relação ao lexema “SEPULTURA”, encontramos, não-obra, não-projetos, não-conhecimento e não-sabedoria. A vida é caracterizada pela ação e a morte pela não-ação, a ausência.

A partir dessa análise inicial, percebe-se, então, uma relação de oposição entre “AÇÃO” e “INAÇÃO ” que, embora ainda esteja em um nível mais superficial, já antecipa a verdadeira oposição contida no texto, que é entre VIDA e MORTE. Essa oposição – VIDA vs. MORTE – é a base sobre a qual o texto é construído e pode ser esquematizada no quadrado semiótico:



**FIGURA 01** – Quadrado Semiótico<sup>2</sup>

Por meio do quadrado semiótico, consegue-se identificar as relações de contrariedade, subcontrariedade, contradição, complementariedade e hierarquia (BERTRAND, 2003) que, por sua vez, revelam o sentido mínimo a partir do qual se constrói a narrativa em questão.

É possível relacionar a oposição superficial de AÇÃO vs. INAÇÃO com a oposição fundamental VIDA vs. MORTE. O lexema “sepultura” é uma metonímia de morte. A relação de complementariedade de morte ocorre com não-vida, que corresponde à não-ação. Não-morte corresponde à não-inação, assim como vida corresponde à ação. O não-fazer é demonstrado pelo não-obra, não-projeto, não-conhecimento, não-sabedoria. Pode-se afirmar, então, que a AÇÃO que o sujeito precisa fazer corresponde a obra, projeto, conhecimento e sabedoria. VIDA é AÇÃO, ao passo que MORTE, figurativizada pela sepultura, é INAÇÃO. Esses quatro itens - obra, projeto, conhecimento e sabedoria - compõem o “tudo” na primeira frase. A sepultura, ou morte,

<sup>2</sup> Fonte: Caminhos da Semiótica Literária, página 183. Adaptado.

é caracterizada pela ausência desses quatro itens. A morte é a cessação do fazer, ao passo que a vida é ato de fazer. A morte cessa a vida, cessa a ação.

As categorias semânticas ação/sepultura (vida/morte) podem ser articuladas no esquema de euforia/disforia. O fazer é eufórico e a sepultura é disfórico. Segue o esquema simples que demonstra essa relação:

Euforia (ação) → disforia (inação)

O texto é disforizante, pois caminha em desconformidade com o termo da categoria semântica fundamental delineado no horizonte discursivo que se constrói no plano de conteúdo do fragmento em análise.

### **Das estruturas narrativas**

Segundo Barros (2005), a sintaxe narrativa, na semiótica discursiva, “deve ser pensada como um espetáculo que simula o homem que transforma o mundo”. Ainda segundo Barros (2005), a semiótica propõe duas concepções complementares da narrativa: como mudança de estados e como “sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário”.

No texto de Eclesiastes 9.10, é necessário identificar o sujeito e o objeto do “espetáculo”, os actantes do texto. O sujeito destinador, embora não apareça no recorte de texto utilizado como objeto de estudo, fica pressuposto a partir da ação que realiza. Nesse caso, precisa-se comparar o texto em questão com outros do livro de Eclesiastes para compreender como se constitui o destinador do texto. No primeiro versículo desse livro, o destinador é declarado: “Palavras do pregador, filho de Davi, rei em Jerusalém”. O “pregador”, portanto, é sujeito destinador do texto no programa narrativo; já o sujeito destinatário, também pressuposto como aquele que deve fazer, pode ser descoberto ao final do livro: “Quanto mais sábio foi o pregador, tanto mais sabedoria ensinou ao povo” (Eclesiastes 12.9). No mesmo capítulo, no verso 12, lê-se: “Demais, disto, filho meu, atenta...”. Não se deve entender “filho”, no sentido literal, mas um termo figurativo para “povo”, conforme citado no verso 9. Notam-se aqui, de relance, os sememas possíveis para “filho” dentro do texto proposto, tendo em vista que o destinador é o rei.

Definidos os actantes, necessita-se alcançar o enunciado de estado e o enunciado de fazer. O enunciado de estado é reconhecido na relação de junção que o destinatário (o povo) pode vir a ter com o “tudo”, especificado na análise de estrutura fundamental como obra, projetos, conhecimento e sabedoria.

O enunciado de fazer é reconhecido na transformação pretendida pelo destinador na relação com o destinatário a fim de que este faça tudo o que chegar à sua mão conforme as suas forças. É possível inferir, também, que há um alerta contra o ócio, uma atitude passiva em relação à vida. Assim, o pregador-rei deseja que o povo-filho altere sua postura tendo em vista a disforia futura. O enunciado de fazer é revelado no verbo “fazer” do texto. A modalização “conforme as tuas forças” é importante no enunciado pois demonstra como o estado pretendido pelo destinatário deve ser executado.

A partir da primeira frase define-se o programa narrativo. O destinador deseja que o destinatário faça tudo conforme suas forças. Conforme o modelo indicado anteriormente, obtém-se a seguinte formulação: o sujeito do fazer é o destinador (pregador); a transformação é o dever-fazer (fazer tudo conforme as suas forças); o sujeito de estado, do qual se espera que venha a ter sua situação alterada, o que não se configura no fragmento, restando como uma possibilidade de ação, é o destinatário (povo). O destinatário deve fazer algo e é instigado pelo destinador. Percebe-se, também, que são dois sujeitos diferentes que se manifestam como destinador e destinatário, o pregador e o povo.

A partir dos programas narrativos, estabelece-se uma outra etapa da estrutura narrativa, que é o percurso narrativo. Há três tipos diferentes de percursos narrativos: o percurso do sujeito, o percurso do destinador-manipulador e o percurso do destinador-julgador. No texto em questão, por estar em forma de provérbio, o exame deve ser feito a partir do ponto de vista do destinador. É ele quem vai doar o valor modal para que a transformação possa ocorrer no destinatário, entendendo doação no sentido pretendido por Barros (2005), em que dois atores diferentes, atuando como sujeito de fazer e sujeito de estado, têm entre si estabelecida uma relação transitiva em que não há uma ação de privação, característica da relação de disjunção. Segundo Barros (2005): “... o destinador modifica o sujeito, pela alteração de suas determinações semânticas e modais, e faz-ser, representando, assim, a ação do homem sobre o homem”.

Essa modificação é realizada no texto pela advertência da cessação inexorável das atividades na sepultura. Dessa forma, o pregador pretende mudar a atitude do povo. Ressalta-se aqui o valor modal do dever-fazer. Para que a mudança aconteça, entretanto, é necessário que o povo creia na palavra do pregador. Como o recorte de texto utilizado neste artigo foi pequeno, tendo em vista seus objetivos, não será possível analisar as marcas contidas no texto inteiro de Eclesiastes que conferem autoridade ao destinador, como recurso de manipulação do fazer-persuasivo ou fazer-creer, mas, de forma breve, ressalta-se, do livro de Eclesiastes, a afirmação do autor de ter investigado a sabedoria e de ter tido experiências diversas no mundo: “Atentei para todas as obras que se fazem debaixo do sol; tudo era vaidade e aflição de espírito” (Eclesiastes 1.14 – grifo nosso). A sabedoria e a experiência do pregador, assim como sua autodeclarada posição de rei, conferem-lhe autoridade para que se apresente como alguém que merece a confiança.

É necessário, ainda, reconhecer o tipo de manipulação realizada pelo destinador. Tendo em vista a alteração desejada pelo destinador no destinatário, que é o dever-fazer, e a forma de manipulação pela informação da cessação das atividades na sepultura, conclui-se que o tipo de manipulação é a INTIMIDAÇÃO.

Considerando-se que o sistema de valores entre pregador e povo é o mesmo, a advertência sobre a sepultura deve surtir o efeito de mudança pretendida pelo destinador. Dado que se trata de uma invocação de recompensas a serem alcançadas que não dizem respeito apenas à vida terrena, mas implicam também, e sobretudo, uma concepção de vida pós-morte, os elementos manipulatórios encontram-se, por conta da problemática da adesão religiosa, reforçados por esse viés.

Resta, ainda, a última fase da organização narrativa, feita pelo destinador, nesse momento, na condição de julgador, que é a sanção. Segundo Barros (2005), há dois tipos de sanção: a cognitiva ou interpretação e a sanção pragmática ou retribuição.

Na interpretação, o sujeito é julgado pela verificação de suas ações. A retribuição pode vir em forma de recompensa ou punição conforme o cumprimento ou não da sua parte no contrato entre destinador e destinatário. O texto que temos analisado não oferece literalmente a atitude do destinatário, mas pode-se inferir que a recompensa ou punição está na qualidade de vida do destinatário. Sendo ele sábio, terá uma vida produtiva. Sendo tolo, terá uma vida desperdiçada. É nesse sentido que o todo o livro de Eclesiastes tem a

sua mensagem. O pregador provoca no povo o sentimento de desesperança como intimidação a fim de que cumpra os seus conselhos.

### **Das estruturas discursivas**

Na análise das estruturas discursivas, passa-se a tratar, especialmente, da questão da tematização e da figurativização. Embora o recorte do texto seja curto, é possível identificar nele as marcas da enunciação. O texto é enunciativo, observa-se o discurso direto que evoca a segunda pessoa do singular, a partir de um eu implícito que realiza esse direcionamento. Nota-se a “sepultura” como o espaço determinado e o tempo como o tempo de vida restante daquele a quem o texto se dirige.

“Tudo o que te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, pois na sepultura, para onde vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma”.

O narratário do texto é o objeto da tentativa de persuasão do narrador (te, faze, tuas, vais), mas a realidade declarada a ele – sepultura – é comum a todos os homens. Se, na estrutura narrativa, o destinatário sujeito podia ser tomado em sua singularidade, agora, no discurso, personalizado na segunda pessoa do singular, pode-se efetuar a proposição de que, pela figurativização do espaço, constrói-se também um destinatário generalizado, a ser reconhecido como o conjunto dos fiéis, ou, simplesmente, o povo. Assim, a mensagem contida nesse discurso pode ultrapassar as questões de ator, espaço e tempo específicos, e falar a gentes de todos os lugares e tempos, o que, aliás, é uma das marcas do discurso religioso.

Embora não haja no texto marcas específicas de ancoragem que especifiquem um ator, espaço ou tempo de maneira específica, podemos encontrar essas marcas aumentando o escopo do texto, abarcando todo o livro de Eclesiastes. Como visto no item anterior, de certo as marcas de ancoragem existem no livro: o autor se identifica como o filho de Davi, o local é Jerusalém, o tempo é a geração seguinte a Davi, mas a enunciação é de caráter universal.

Afirma-se, no discurso, a transitoriedade da vida, pois a sepultura é o destino do enunciatário; há um tom de admoestação. Sendo este o fim do homem, ele deve fazer

algo. Mas, mesmo que o enunciatório cumpra a expectativa de forma a fazer todas as coisas conforme suas forças, ainda assim o seu fim é a sepultura (para onde tu vais).

A tematização do texto, portanto, não deve ser procurada na maneira de fazer todas as coisas (conforme tuas forças), mas na impossibilidade da mudança final. Há algo a ser feito e uma maneira de se fazer no tempo antes que a morte chegue, mas a sepultura chegará. A fatalidade disfórica é a projeção da instância da enunciação, trazendo o tom admoestativo demonstrado no texto, que aponta para a possibilidade de uma mudança neste tempo, mas não aponta para uma mudança definitiva.

Não se deve, portanto, entender a mensagem contida no discurso como se dissesse respeito a um “sentido da vida”, pois não se trata disso o pretendido pelo pregador. Partindo da percepção da realidade humana e de suas condições precárias, o que ele pretende é apontar, para os que escutam, é a existência de uma orientação para sua vida, ao exortá-los quanto à fatalidade da morte e à necessidade de alguma ação.

Diante dessas ponderações, constata-se que o tema, então, diz respeito a uma atitude humana frente à inexorabilidade da morte, sendo confirmado pela recorrência de expressões que formam a isotopia temática: o que vier, à mão, fazer, faze-o, não há obra; são expressões que, alinhando-se em uma perspectiva isotópica, garantem ao texto sua coerência. O tema é recoberto pelas figuras do texto, que incluem não somente a sepultura, mas outros lexemas também já mencionados. AÇÃO/SEPULTURA são as figuras centrais que recobrem tema. Se não é possível afirmar que o texto ensina um “sentido de vida”, ensina, entretanto, uma atitude face à inevitabilidade do futuro.

### **Algumas reflexões finais**

A semiótica pode ser uma ferramenta útil para aqueles que trabalham com o texto bíblico. Por meio de suas técnicas, é possível descobrir o sentido do texto, trazendo luz às páginas das Escrituras Sagradas.

A fim de retomarmos alguns pontos iniciais, vinculados a nosso interesse na aplicação do instrumental metodológico da semiótica a textos bíblicos, pode-se verificar que a teologia do texto, identificada, nesse contexto, com aquilo que se poderia designar de sua ideologia, deve ser procurada na estrutura discursiva e não estrutura narrativa, e isso traz soluções interessantes para o exegeta. No caso de Eclesiastes, do qual extraímos

o fragmento analisado, assim como remissões a outras de suas passagens, essa afirmação traz uma resposta para a questão do sentido do livro como um todo. Deve-se procurar o sentido de Eclesiastes não nas estruturas sintáticas, pois elas parecem contradizer o ensino bíblico como um todo que coloca o sentido da vida no conhecimento de Deus e na esperança da vida eterna. Eclesiastes é um livro de sabedoria do ponto de vista humano que deve ser complementado e contrastado com outros ensinamentos bíblicos para que sua teologia possa ser compreendida. Visto somente no ponto de vista do narrador (o pregador), o ensino pode trazer contradições com outros livros bíblicos.

Em perspectiva semelhante, pode-se citar outro exemplo clássico de aparente contradição no ensino bíblico quando visto pelo prisma da estrutura narrativa. Paulo, em Efésios 2.8-9 assim afirma: “porque pela graça sois salvos por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não das obras, para que ninguém se glorie”. Já Tiago, em sua carta, assim afirma: “Vedes que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé” (Tiago 2.24). Essa situação de aparente oposição entre os autores bíblicos tem sido objeto de discussão entre os teólogos de tradições cristãs diferentes, que remete à questão da doutrina da soteriologia, de fundamental importância para a vida da igreja.

Embora estejamos na seção que busca sintetizar as conclusões obtidas pelo exercício de análise, talvez seja oportuno tocar em uma questão importante de ser considerada quando da abordagem do texto bíblico e dizer algumas palavras a respeito de sua tradução. Tomemos, para tanto, um lexema caro ao fragmento analisado: “sepultura” é a tradução da palavra hebraica “sheol”. Segundo a Bíblia de Estudo Arqueológica:

A palavra hebraica traduzida por “sepultura” é sheol e muitas traduções simplesmente a transliteram. A ideia veterotestamentária do Sheol é essencialmente a de um lugar embaixo da terra, para o qual, imagina-se, vão os mortos. Sheol, portanto, pode se referir tanto à cova quanto ao além-túmulo.

A Bíblia Edição Contemporânea, usada como base neste artigo, traz traduções diferentes para sheol em passagens diversas. Sheol é traduzida como “profundezas” em Salmo 139.8: “se subir aos céus, tu ali estás; se fizer nas profundezas a minha cama, tu ali também estás”. Em Salmo 9.17, a tradução é “inferno”: “Os ímpios serão lançados no inferno e todas as nações que se esquecem de Deus”. Essa é mesma tradução que aparece em Salmo 16.10: “porque não deixarás minha alma no inferno, nem permitirás que o teu santo veja a corrupção”. Esse texto de salmo 16.10 é citado no Novo Testamento, em

Atos 2.27, no episódio do famoso discurso de Pedro no dia de Pentecoste, mas nesse versículo, a tradução aparece como “morte”: “porque não deixarás a minha alma na morte...”. Quando os autores do Novo Testamento citam o Velho Testamento, eles não o fazem traduzindo diretamente o texto hebraico para o grego, mas usam a versão da Septuaginta. Nesse verso, a palavra grega usada foi Hades, com sentido semelhante, mas que conota também um lugar de sofrimento.

No texto de Eclesiastes 9.10, a tradução usual tem sido de “sepultura”, embora outras versões ofereçam traduções diferentes, como “além” (versão Almeida Revista e Atualizada).

As duas opções, sepultura e além, refletem as duas ideias básicas da palavra sheol. O uso de uma delas na tradução de Eclesiastes 9.10 termina por ser uma opção do tradutor que se baseia não somente na análise exegética, mas também na teologia que adota. O uso de “além” pode refletir o conceito de que o autor bíblico se refere não à morte em si, como o texto da versão Contemporânea aponta - que é o sentido entendido neste artigo - mas que se referiria ao lugar para onde as almas dos mortos vão. Nesse lugar, então, não haveria as atividades citadas pelo autor de Eclesiastes. Mas esse conceito parece ir de encontro a outros textos que mostram alguma atividade das almas no além-túmulo, o que levaria a alguma contradição. Poder-se-ia pensar que as atividades das almas no além-túmulo sejam de natureza diferente das atividades dos homens neste mundo, mas, nesse caso, penso que extrapolaríamos o que verso de Eclesiastes 9.10 tem a dizer, assim como todo o livro de Eclesiastes em si. O uso de “sepultura”, por outro lado, levaria o enunciatário ao sentido de morte apenas, indicando, então, o fim das ações humanas, sem nenhum apontamento de alguma atividade pós-morte. As considerações feitas neste artigo, dentro da análise semiótica, favorecem a tradução de “sheol” como morte, face à oposição entre vida e morte destacadas no texto.

Ao permitir que se evidenciem tais contradições, tomando como objeto, textos que têm sido lidos e relidos ao longo da história da humanidade, influenciando, por vezes, inúmeras das ações humanas, não há como não reconhecer a importância da análise semiótica na tarefa de sua compreensão, uma vez que a teoria, ao trazer luz aos sentidos veiculados no discurso, promove a elucidação de questões que permitem, aos estudiosos do texto bíblico e aos que dele se servem como instrumento para aprofundar o

conhecimento de sua fé, que cheguem mais de perto daquilo que se “pretendia”, efetivamente, comunicar.

## REFERÊNCIAS

BARROS, D. L. P. *Teoria Semiótica do Texto*. 4. ed. São Paulo: Editora Parma, 2005

BERTRAND, D. *Caminhos da Semiótica Literária*. Bauru: Edusc, 2000.

**BÍBLIA de Estudo Arqueológica**. Nova Versão Internacional. 1ª ed. São Paulo – SP: Editora Vida, 2020, 2226 p.

**BÍBLIA Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, Edição Contemporânea. 1ª ed. São Paulo – SP: Editora Vida, 2013, 806 p.

**BÍBLIA Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Atualizada. 2ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, 1660 p.

CEGALA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

GREIMAS, A. J.; COURTES, J. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Contexto, 2008.

Submetido em: 8 de setembro de 2022.

Aprovado em: 30 de novembro de 2022.

### Como referenciar este artigo:

BALANIUC, Humberto Marcos. UMA LEITURA SEMIÓTICA DO TEXTO BÍBLICO DE ECLESIASTES 9.10. revista *Linguasagem*, São Carlos, v.42, n.1. 2022 p. 243-254.